



# O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»



A ÁGUIA SIMBOLIZA O VOO ALTO, A EXUBERÂNCIA, O AMOR À LUZ. É O ANIMAL QUE ENCARA O SOL FACE A FACE. NÓS DEVEMOS SER ÁGUIAS, QUE VOEM ALTO E QUE AMEM A LUZ. MAS EM NOSSOS DIAS POUCOS CRÊM NA LUZ, DEVIDO A TANTA ESCURIDÃO QUE SE VÊ POR PERTO. LEMBRE-MOS QUE "É DURANTE A NOITE QUE É BELO ACREDITAR NA LUZ" E SEJAMOS PROPAGADORES DA LUZ E SUAS TESTEMUNHAS, SEJAMOS, COM O AUXÍLIO DE NOSSA SENHORA, INSTRUMENTOS PARA QUE OS HOMENS VEJAM A LUZ POR EXCELÊNCIA QUE É NOSSO SENHOR JESUS CRISTO.

# Escrevem os leitores

"À valorosa equipe de "O Desbravador", Salve Maria!

Os anos passam e, apesar de todas as dificuldades, de todas as lutas e do grande ódio do demônio—"o inimigo de todo o bem..."— uma coisa que parecia impossível, acontece: "O Desbravador" continua firme, enfrentando ventos e tempestades, desbravando por este imenso Brasil, as almas sufocadas numa verdadeira selva de indiferenças e pecados!

Oh! Sim, só podemos explicar a constância de "O Desbravador", porque os caros componentes de sua equipe, em meio às terríveis lutas que tem para enfrentar, firmam-se confiantemente nas duas colunas que, como já previra o "Apóstolo da Juventude", São João Bosco, são as únicas que nos podem fazer perseverar na prática do bem! E são as duas devoções que vocês, não só muito pregam e praticam, mas ainda, procuram difundir e fazê-las queridas de todos os que lêem "O Desbravador": A devoção ao Santíssimo Sacramento da Eucaristia e a devoção a Nossa Senhora!

É verdade, já dizia o grande Apóstolo de Nossa Senhora, o ilustre São Luiz Maria Grignon de Montfort: "São a Virgem Santíssima, faz em favor daqueles que A servem com fidelidade, o milagre da firmeza e coragem em meio à corrupção do mundo ..."

Portanto, continuem com coragem e meus parabéns! Que Deus Nosso Senhor os abençoe, e que a Virgem Maria os proteja sempre!"

EDMÉA MOREIRA DUNCAN  
CAMPOS - RJ



"Desde o primeiro ano do jornal "O Desbravador", é que o venho recebendo e aproveito para agradecer a atenção recebida e desejar que consigam um sucesso cada vez maior, o qual com certeza, vêm adquirindo há muito.

É justamente por estar satisfeito e sempre interessado pelo vosso trabalho que escrevo comunicando o meu novo endereço. Espero poder, assim, continuar recebendo todas as edições mensais' deste maravilhoso jornal.

Desde já, agradeço."

JOÃO TORRES DE REZENDE  
CAMPINAS - SP



## O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

DIRETOR:  
MESSIAS DE MATTOS

### ASSISTENTES DE DIREÇÃO:

ANSELMO LÁZARO BRANCO  
VALMIR DE CASTRO

### SUPERVISÃO:

EDMÉA APARECIDA LÁZARO BRANCO  
FERRIBALDO CARDOSO DE BARROS

### COMPOSIÇÃO:

ESTÚDIO "FRÁ ANGÉLICO"

### REDAÇÃO:

JOSÉ HENRIQUE DO CARMO  
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS  
SÉRGIO BORGES F. MOLINARI  
SÁVIO FERNANDES BEZERRA  
LUIS HENRIQUE DE OLIVEIRA  
MARIA DO CARMO M. RUFINO

### SECRETARIA:

GERALDO JOSÉ DE MATOS  
SHEFERSON SANDER FERREIRA  
LAURINDO GONÇALVES  
VICENTE WALTHER S. MACHADO

### EXPEDIÇÃO:

EDSON RODRIGUES DOS SANTOS  
RENATO KAORU ISHIMINE  
ROMILSON CHAVES SILVA  
ROBERTO MANGINI  
WALADYER NERI S. MACHADO  
MIGUEL ZUPPO  
LUIS AKIO YASUTAKE  
GERSON FERNANDES DOS SANTOS  
EDIVAN RODRIGUES DOS SANTOS

### CORRESPONDÊNCIA:

CAIXA POSTAL 6416  
01000 SÃO PAULO SP

# EDITORIAL



"Vocês do Desbravador não podem mudar o mundo". "Não adianta eu sozinho querer endireitar a situação". "Uma andorinha não faz verão".

Frases como estas demonstram uma mentalidade que julga não ser possível' uma pessoa, um grupo, ou até várias pessoas mudarem o curso calamitoso por que passam o mundo, a civilização, o clero, etc.

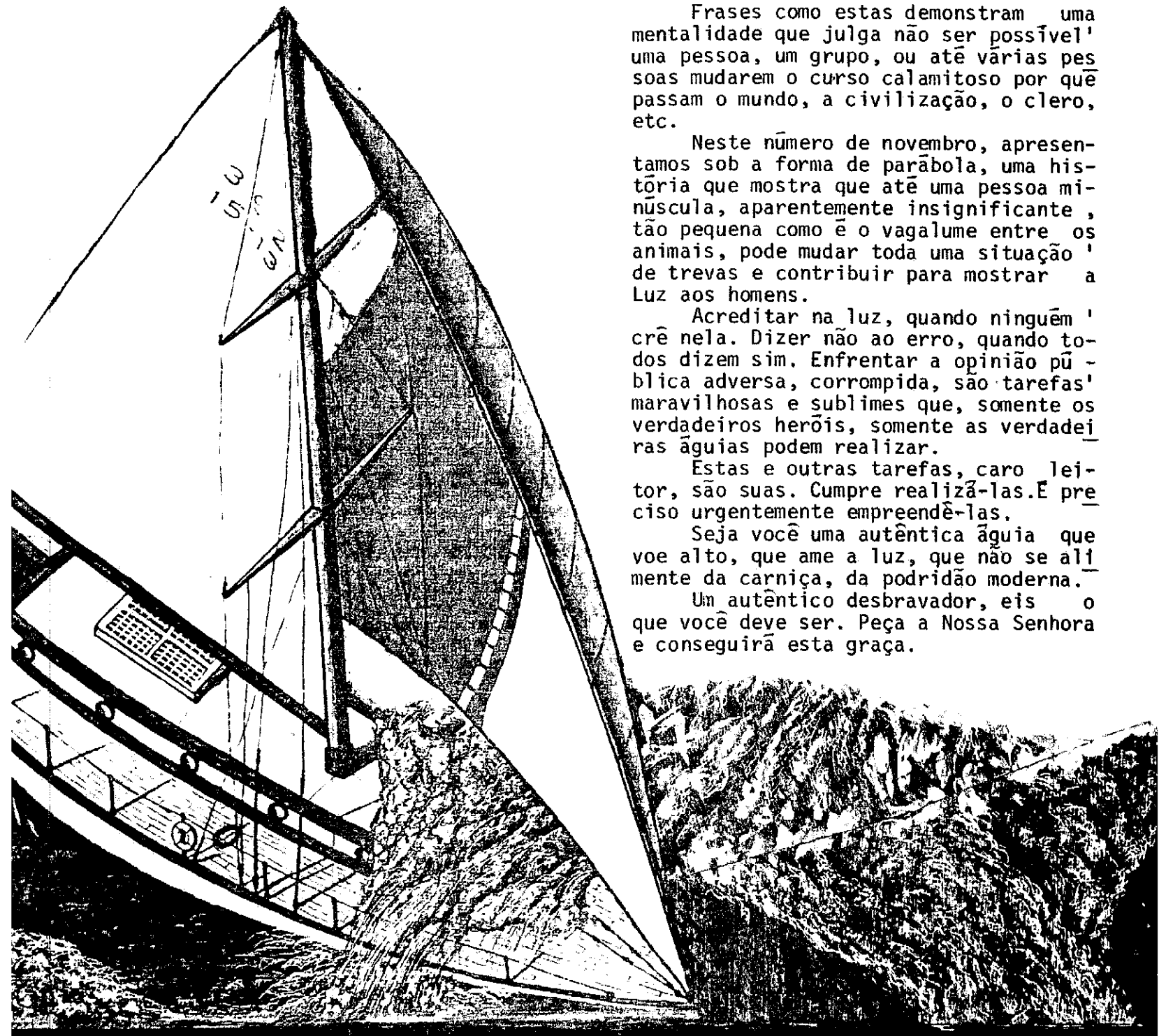
Neste número de novembro, apresentamos sob a forma de parábola, uma história que mostra que até uma pessoa minúscula, aparentemente insignificante, tão pequena como é o vagalume entre os animais, pode mudar toda uma situação' de trevas e contribuir para mostrar a Luz aos homens.

Acreditar na luz, quando ninguém' crê nela. Dizer não ao erro, quando todos dizem sim. Enfrentar a opinião pública adversa, corrompida, são tarefas' maravilhosas e sublimes que, somente os verdadeiros heróis, somente as verdadeiras águias podem realizar.

Estas e outras tarefas, caro leitor, são suas. Cumpra realizá-las. É preciso urgentemente empreendê-las.

Seja você uma autêntica águia que voe alto, que ame a luz, que não se alimente da carniça, da podridão moderna.

Um autêntico desbravador, eis o que você deve ser. Peça a Nossa Senhora e conseguirá esta graça.



"QUE DOR PARA O CORAÇÃO QUANDO COM OS MEUS PRÓPRIOS OLHOS VEJO QUE NEM TODOS ARDEM DE AMOR POR TI, QUE NÃO AMAM SÓ A TI, MAS OS ÍDOLOS DE SUAS PAIXÕES MUNDANAS..... MEU JESUS ENTENDO ADORAR-TE POR TODOS" (Santa Francisca Xavier Cabrini)

# A Montanha de Cristal



De todos os lugares banhados pela luz do dia, nunca houvera algum que fosse mais belo que aquelas montanhas. O sol, batendo em suas bases, fazia brilhar o negror dos rochedos que se elevam, abruptos e altaneiros do meio dos campos, até que, no alto, bem lá no alto, a dureza e o negror das pedras era substituída pela maciez e pela alvura da neve. Lá encima a luz parecia ainda mais pura, dando à montanha tons de ouro ao entardecer. E havia algo ainda mais belo: no meio das montanhas mais altas, e mais alto que todas elas, erguia-se um píncaro tão agudo e tão magnífico que dir-se-ia que as neves eternas eram boas apenas para sua base. Era uma montanha legendária e inacessível, toda ela feita de um único e imenso bloco do mais puro cristal. Seria preciso vê-la para se acreditar em semelhante maravilha.

Aliás, sua beleza era tão estonteante que, se algum homem chegasse a vê-la, não acreditaria em seus olhos, e ao descer daquelas alturas, não contaria nada a ninguém, com receio de ser tomado por um visionário.

Mas a verdade é que esse homem, que certamente seria tido por um insensato, ainda teria visto muito pouco. Por que essas belezas não eram nada se fossem comparadas com as que a montanha possuía em seu interior. Com efeito, num ponto altíssimo, o imenso bloco de cristal possuía uma abertura. E quem por essa abertura penetrasse, logo encontraria dentro de uma gruta, comparada com a qual todas as catedrais do mundo pareceriam ao mesmo tempo minúsculas e sombrias.

"VALE MAIS SER ÁGUA UM MINUTO, QUE SAPO A VIDA INTEIRA"  
(Lema dos Paraquedistas franceses)



Que edifício construído por mãos humanas poderia ter sequer um décimo do tamanho daquela gruta? E que vitral, que conjunto de luzes, que pedras preciosas poderiam se comparar com a girândola de cores que o sol filtrava por aquelas paredes? Não, homem algum conseguiria descrever aquilo. Homem algum seria capaz de subir até aquele lugar. Lá apenas chegavam as águias.

Porque havia as águias. Águias enormes e majestosas, de plumas brancas e cabeça dourada, os únicos habitantes daquele local. Tão altas, tão elevadas, que nunca baixavam de lá, nem mesmo para buscar alimento: A luz, a magnífica luz do interior da caverna as alimentava. A luz lhes dourava as penas a luz lhes dava forças. Elas viviam da luz, e somente dela é que tinham avidez.

A base da caverna de cristal era o imenso rochedo da montanha. Dentro desse rochedo havia uma ou-

tra caverna, cuja porta ou não existia ou estava eternamente sepultada pela neve. Lá dentro, tudo era asqueroso, úmido e escuro, não de uma escuridão qualquer, mas de negror absoluto. Era horrível, e para aumentar o horror, as paredes da caverna eram todas cobertas por um muco, por uma gosma infecta e malcheirosa. Dir-se-ia que nada poderia viver em semelhante ambiente. Nenhum animal suportaria semelhante horror. A não ser as aranhas. Essas sim as havia, e aos milhões. Aranhas enormes, negras, asquerosas, que formavam um tapete movediço sobre as paredes, o chão e o teto da caverna. Que se alimentavam do muco nojento; que gostavam do mal cheiro, que só se sentiam bem na escuridão, que não conheciam, nem queriam conhecer outra coisa. E esses dois mundos, essas duas cavernas eram separadas apenas por uma lage de rochedos, e viviam sem que tivessem conhecimento um do outro.

## *o desastre ...*

Um dia, não sabe-se porque motivo, essa lage se rachou. Talvez um ligeiro tremor de terra, talvez a deslocação accidental de alguma rocha, tenha sido a causa. O fato é que, na base da caverna de cristal, e no teto da caverna das aranhas, surgiu uma pequena rachadura, que as águias, que raramente olhavam para baixo, nem chegaram a perceber.

Mas não sucedeu o mesmo com as aranhas. Com a rachadura, entrou na caverna uma fímbria, um raio de luz, dessa luz que elas odiavam acima de tudo, e que acima de tudo as fazia fugir. Apavoradas e enfurecidas, elas se amontoaram no canto mais escuro de sua caverna, até que aquele fio de luz foi enfraquecendo, foi se diluindo, foi se esmaecendo, aos poucos, até finalmente se extinguir. A noite havia chegado. Na gruta de cristal, as águias dormiam.

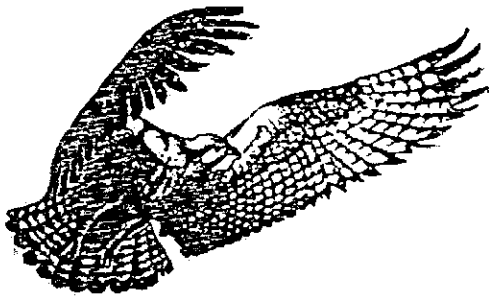
Aos milhões, as aranhas saíram da rachadura, e penetraram no interior da gruta. Movidas pelo ódio, elas arrastaram uma enorme pedra, bloqueando a entrada da gruta. Depois, subiram em todas as paredes, e as cobriram com suas teias, e com sua baba asquerosa e negra. Elas podiam simplesmente ter fechado a rachadura, porém, seu ódio não era apenas da luz, mas também de todos os seres que gostavam da luz. Elas odiavam tudo o que é belo, e o ódio lhes dava força no trabalho. Durante toda a noite espalharam o negrume, a sujeira, o horror.



"EU QUERIA MORRER DEBAIXO DE UM CÉU DE FOGO, DIZENDO UMA BELA PALAVRA POR UMA BELA CAUSA"  
(Edmond Rostand)



Lá fora, chegou o alvorecer. O sol, foi verdejando os campos e branquejando a neve. Tudo brilhava, tudo sorria. mas no interior da gruta de cristal os raios do sol não conseguiram mais entrar. No interior da gruta de cristal continuava a escuridão. As águias despertaram assustadas. Onde estava o sol? Onde estava a luz que lhes dava a vida e lhes dourava as penas? Elas não sabiam. Aos poucos, compreenderam que a porta da gruta estava fechada, mas não se sentiram com forças nem com ânimo para a desobstruir. Sem luz, elas mal conseguiam se arrastar pelo chão. Quando chegou o meio dia, e lá fora o sol dardava seus raios em todo o seu esplendor, dentro da gruta se percebiam apenas sombras. Na hora de maior luz, tudo era pardo e confu-

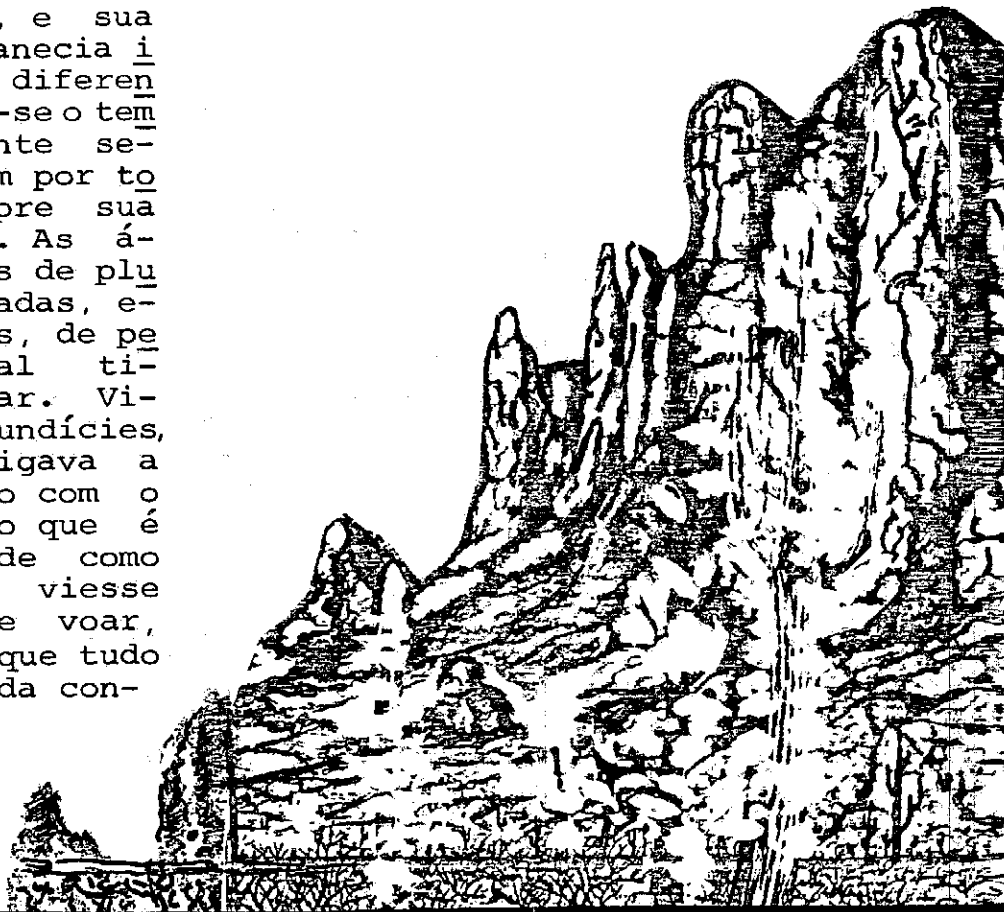


so. As águias, cabeça baixa e asas arrastando pelo solo, andavam em círculo desanimadas, percebendo que aquela obscuridade tinha apenas o suficiente de luz para permitir que elas sobrevivessem, ou vegetassem. E se elas pudessem enxergar algo, notariam com horror que suas penas, suas lindas penas brancas e douradas, começavam a escurecer.

Exteriormente a montanha de cristal continuava a mesma, e sua glória diante do sol, permanecia inalterada. Mas, que enorme diferença em seu interior! Passou-se o tempo. As aranhas, completamente senhoras da situação, andavam por toda a gruta, espalhando sempre sua baba asquerosa e nauseante. As águias, as altaneiras águias de plumas brancas e cabeças douradas, eram agora uns animais sujos, de penas negras e opacas, que mal tinham forças para se arrastar. Viviam no chão coberto de imundícies, que a fome às vezes as obrigava a comer. Haviam se acostumado com o mal cheiro das aranhas, e o que é pior, haviam se esquecido de como eram antes. Se alguém lhes viesse falar da luz e da beleza de voar, elas não ouviriam. Diriam que tudo isso era sonho, e que a vida con-

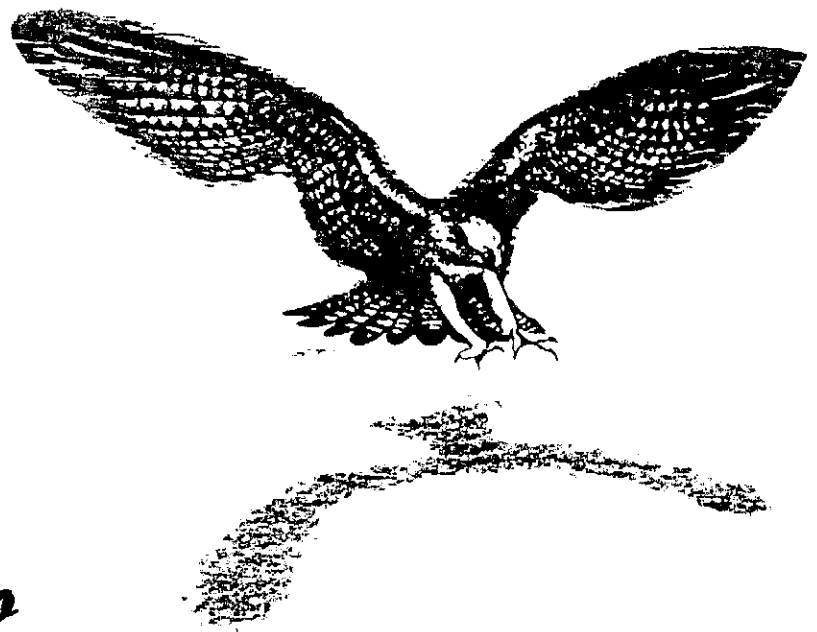
sistia naquilo, em ter as penas negras, em se arrastar na lama, e em viver na imundície. Aquilo sim era a realidade, e nada mais existia. As águias haviam se esquecido do que eram e do que deveriam ser. As águias viviam como morcegos, esperando apenas a morte, sem se lembrarem da luz.

Foi então, quando parecia tudo perdido, foi então que na gruta de cristal surgiu o vaga-lume.



8 "TRABALHA COMO SE O BOM EXITO UNICAMENTE DEPENDESSE DE SUA ATIVIDADE, MAS DE FATO APENAS O ESPERA UNICAMENTE DE DEUS" (Santo Inácio de Loyola)





## ... a Ressurreição

Na verdade, ele não surgiu, mas apenas se transformou. Sempre houvera, no tempo da luz, sempre houvera na gruta de cristal um pequeno inseto dourado que fazia música com suas asas, e que, ziguezagueando incansável, enchia a gruta de harmonia. Também ele vivia da luz, e sua música era como que a luz do sol condensada em som. Se algum homem o ouvisse poderia perceber em suas notas ora alegria do alvorecer, ora o feérico do meio dia, ora a solenidade do por do sol. O pequeno inseto era, na gruta de cristal, o complemento harmônico e sonoro da luz.

Quando aconteceu a grande tragédia, também o pequeno inseto foi afetado. Também ele enfraqueceu, e foi aos poucos perdendo a sua cor. Também ele acabou caindo de fraqueza a um canto daquela gruta, antes tão bonita, e agora tão hedionda.

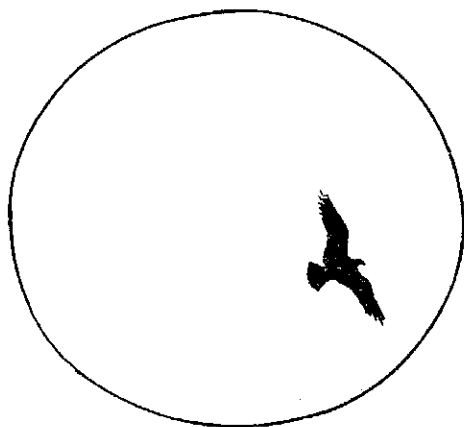
Mas, ao contrário das águias, o pequeno inseto não se esqueceu. Às vezes, no meio da escuridão, ele sentia forças para bater um pouco as asas, e então, muito baixinho, soavam algumas notas que falavam de cores, de auroras, de belezas, de luz. E o pequeno inseto pensava: "A vida não pode ser só essa escuridão! É impossível que aquela beleza tenha desaparecido! Não há razão para se viver se a luz não existe mais". E então ele reunia todas as suas forças e se punha a andar, se punha a investigar as paredes da gruta, recordando-se que delas é que vinha a luz.

Até que um dia... Um dia, depois de muito investigar, o pequeno inseto descobriu, embaixo da enorme pedra que tapava a entrada da gruta, um orifício, uma senda minúscula, que as aranhas haviam esquecido de tampar. Metendo-se por ela, arrastando-se, esfolando as asas, o pequeno inseto avançou, cavando removendo e empurrando, até que num último e supremo esforço, conseguiu atravessar para o outro lado da montanha de cristal. Lá fora era meio dia, e o sol brilhava em todo o seu esplendor.

O pequeno inseto quase enlouqueceu de alegria. Era verdade! Ele estava certo! O sol existia, e continuava a brilhar! Comovido, ele viu suas asas e seu corpo novamente se dourando, e sentiu que todas as músicas e todas as harmonias estavam de novo dentro dele. Levantou vôo, girou, cantou e depois tomou uma resolução. Reuniu toda a luz que conseguia, acumulando todas as forças do sol, o pequeno inseto voltou para o buraco, e penetrou na gruta escura, ziguezagueando, como um raio de luz, de cor e de som.

As águias, negras e cabisbaixas, ergueram um pouco a cabeça. O que era aquilo? Aquela luz, aquele som, era algo que lhes trazia recordações, que lhes penetrava no íntimo do ser... Então havia algo que não era escuridão e mal cheiro? Então o mundo não era somente o horror e o negrume?

"PARA SALVAR-SE, É PRECISO TER A ETERNIDADE NA CABEÇA, DEUS NO CORAÇÃO E O MUNDO DEBAIXO DOS PÉS" (Santo Antonio Maria Claret)



E o inseto, voando a toda a velocidade e para todos os lados, brilhava com todas as luzes, e tocava todos os sons. E as águias foram se recordando... Até que uma delas achou em algum lugar o ânimo para dar um vôo desajeitado, mas que a levou até a parede de cristal, onde suas asas removeram um pouco da sujeira e do lodo que as cobria.

Claro, brilhante, sublime, eterno, um raio de sol entrou novamente na gruta, iluminando tudo com seu esplendor. As aranhas corriam espavoridas para todos os lados. As águias, reanimando-se, levantaram vôo e em instantes arrasaram a camada de sujeira que recobria o cristal. A pedra foi removida e jogada para o abismo, juntamente com as aranhas que, não suportando a luz, morreram em pouco tempo. As plumas das águias novamente se douraram. O pequeno vagalume cantava.

Eis aí a nossa história. A vós, caro leitor, a vós que vos sentis oprimido, acabrunhado, entediado e abatido com o negro, com a sujeira desse mundo contemporâneo, nós, como o pequeno vagalume, queremos apontar para um ideal que nunca morreu, para a Santa Igreja Católica, Apostólica e Romana, e dizer: O sol existe e continua a brilhar.

